

SESSÕES DO PLENÁRIO

69ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 09 de novembro de 2017.

PRESIDENTE: DEPUTADO GIKA LOPES (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial, que outorga o Título de Cidadão Baiano ao diretor-geral da Fundação Luís Eduardo Magalhães, Jones de Oliveira Carvalho, proposta pelo deputado Gika Lopes, este que aqui vos fala.

Convido para compor a Mesa a Srª Chefe de Gabinete da Secretaria do Meio Ambiente, Iara Icó, representante do governo do Estado; a Srª Representante da família do homenageado, Iara Vilaça; o Sr. Diretor de Administração Horácio Nelson, representante do reitor da Universidade Federal, João Carlos Salles; a Srª Presidente da Fundação Luís Eduardo Magalhães e ex-prefeita de Cardeal da Silva, Maria Quitéria Mendes de Jesus; o Sr. Vereador da cidade de Lauro de Freitas, presidente do PT de Lauro de Freitas, Roque Fagundes; Sr. Chefe da Assessoria do Governador e amigo do homenageado, Osni Cardoso de Araújo, ex-prefeito de Serrinha; o Sr. Secretário de Juventude do PT, Matheus Maciel. (Palmas)

Designo ao Cerimonial que conduza a este recinto o diretor-geral da Fundação Luís Eduardo Magalhães, Jones de Oliveira Carvalho.

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Convido a todos os presentes para acompanharmos a execução do Hino Nacional.

(Execução do Hino Nacional.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Convido para compor a Mesa, o Sr. Chefe de Gabinete do Departamento de Polícia Técnica da Bahia, Alexsandro Fiscina. (Palmas)

Como proponente da sessão, saudarei o homenageado.

O Sr. GIKA LOPES:- (Lê) “Bom dia companheiros e companheiras aqui presentes, inicialmente, agradeço a presença de todas as autoridades e convidados, que compõe a mesa e a todos vocês, amigos e familiares, que honram o companheiro Jones Carvalho com suas presenças, e também, ao público que nos assiste pela *TV Alba*.

Faço um agradecimento, também, aos meus colegas deputados que aprovaram por unanimidade a outorga desse título de cidadania a Jones Carvalho, atual diretor-geral da Fundação Luís Eduardo Magalhães. Todos os aqui presentes sabem do

empenho, do trabalho, do comprometimento e atuação desse homem em prol do desenvolvimento do nosso Estado.

Para ser cidadão não basta apenas ter certidão de nascimento, votar, pagar impostos e obedecer às leis. Cidadania é compromisso, é envolvimento, é participação nas decisões e ações da sociedade. É participação política, econômica, social, cultural e, sobretudo, ética. É justamente por essas características que hoje, 9 de novembro de 2017, companheiro Jones, você se torna oficialmente mais um cidadão baiano. Um reconhecimento por sua trajetória em defesa de uma sociedade mais justa para os baianos.

Esta honraria é o mais sincero respaldo ao seu amor por nossa terra. Apesar de não ter nascido na Bahia, a escolheu como sua, decidiu viver aqui, trabalhar, criou laços, constituiu uma família, e colabora para o seu fortalecimento e desenvolvimento.

Companheiro Jones: ‘Vivemos num mundo desigual onde há excluídos e famintos. Nossa vida só terá valido a pena se fizemos algo para diminuir as desigualdades e construirmos um mundo melhor.’ Essas são suas palavras que estão impressas naquela faixa e representam muito seus ideais, ideais que compartilhamos e pautamos em nosso partido e no nosso dia a dia.

Nós, petistas, de esquerda, vivemos sempre em estado de inquietação, de movimento, que reverbera em lutas constantes e renovação de esperança. A luta sempre foi protagonista na vida de Jones, meu amigo velho de Minas. Ainda criança, quando morava em Minas Gerais, seu estado natal, viu o poste de luz de sua casa ser estourado por um homem do Exército, enquanto a cavalaria espancava e pisoteava pessoas. Era o começo...” da ditadura em nosso País.

Então, Jones, você tem essa lembrança da ditadura militar lá, em na sua terra; você sabe muito bem como foi, por isso que correu, veio para o nosso Estado, e hoje está sendo bem acolhido. Foi também o início de sua indignação com as injustiças. Então, por tudo isso aí, você faz parte do nosso Estado.

(Lê) “Em 1967, após contato com o movimento estudantil, tornou-se membro da Organização Revolucionária Marxista Política Operária, que tinha forte influência sobre os estudantes mineiros daquele período. No mesmo ano, ajudou a fundar o Comando de Libertação Nacional (COLINA). Aos 14 anos, Jones foi preso ilegalmente pela polícia da época, quando sofreu horas de pressão, na tentativa dos militares de extrair informações. Todas essas experiências em sua juventude muito contribuíram para a formação e definição de seu caráter, Jones. Então, você é digno de estar aqui, em nossa Bahia.

Anos depois, dedicou-se à luta operária após formar-se técnico químico, integrando a Organização de Combate Marxista-Leninista-Política Operária. Participou da fundação e da primeira direção provisória do Partido dos Trabalhadores em Minas Gerais, mas com o carimbo que lhe colocaram, tornou-se impossível conseguir emprego em Minas Gerais, o que fez com que viesse para a nossa Bahia.

Já em nosso Estado, dedicou-se ao trabalho no Polo Petroquímico de Camaçari e ao movimento sindical que representava os trabalhadores daquelas fábricas, participando da histórica greve de 1985, a primeira a parar um polo petroquímico no mundo. Após isso, seu nome foi incluso numa lista que jamais o possibilitou voltar a trabalhar no ramo químico.

Entretanto, Jones nunca se deixou abater, enfrentou as adversidades e continuou firme na luta. Eu sempre, digo companheiro Jones, que é por meio das adversidades que revelamos a nossa fé e a nossa força.

Em 1992, foi ser assessor parlamentar do então deputado federal Jaques Wagner, quando acompanhou matérias importantes como a demarcação de terras indígenas e legalização de assentamentos de trabalhadores rurais.

No ano de 2001, na pasta do Planejamento, foi coordenador do Orçamento Participativo da Prefeitura Municipal de Alagoinhas, no mandato do amigo Joseildo Ramos, função que também exerceu em Camaçari, na gestão de Luiz Caetano. Já em 2003, trabalhou novamente com Jaques Wagner, dessa vez no Ministério do Trabalho.

Durante os dois mandatos do governador Jaques Wagner, foi ouvidor-geral do Estado em parte desse período, presidindo a Associação Nacional de Ouvidores Públicos. Atualmente, é diretor-geral da Fundação Luís Eduardo Magalhães.

Por jamais ter deixado de trabalhar pela dignidade humana e pelo bem comum, é nítido o merecimento da concessão do Título de Cidadão Baiano para Jones Carvalho, que tantos serviços presta ao povo baiano, na luta por uma sociedade cada vez mais digna e justa. Jones, esse título é uma atitude de reconhecimento e uma homenagem a suas ações e trabalhos prestados ao nosso Estado, uma vida dedicada em promover melhorias e transformações na vida das pessoas.”

Por isso, Jones, parabéns, considere-se baiano 100% e quero muito agradecer a todos e a todas, que Deus nos abençoe e vamos à luta. Não é isso meu amigo? Vamos trabalhar.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika):- Convido para compor a Mesa a Sr^a Prefeita de Lauro de Freitas e deputada federal Moema Gramacho, baixinha retada. (Palmas)

Informamos a visita dos estudantes do colégio ISBA, do bairro de Ondina. Obrigado por vocês estarem presentes.

Vamos agora assistir a um vídeo em homenagem ao nosso baiano.

(Apresentação de vídeo.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Neste momento convido seus filhos, Iara Velasco, Pedro e Cauã Carvalho e sua esposa Rita Menezes para fazer a entrega ao diretor-geral da Fundação Luís Eduardo Magalhães Jones de Oliveira Carvalho, o Título de Cidadão Baiano que lhe concede a Assembleia Legislativa da Bahia.

(Entrega do título ao diretor-geral da Fundação Luís Eduardo Magalhães Jones de Oliveira Carvalho.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Tenho a satisfação de passar a palavra ao nosso conterrâneo e diretor-geral da Fundação Luís Eduardo Magalhães, Jones de Oliveira Carvalho. A palavra é sua, chefe. (Palmas)

O Sr. JONES DE OLIVEIRA CARVALHO:- É a primeira vez que falo como baiano. (Palmas) Quero saudar a todos e todas aqui presente, nosso deputado e proponente desta sessão, Gika, companheiro que bem representa o PT pela simplicidade, pela coragem, pela força que sempre demonstrou. Yara, representando aqui a Secretaria de Meio Ambiente; companheiro Geraldo Reis que conhecemos como G2 e que tem também essa trajetória conosco. A prefeita Moema Gramacho, companheira, irmã que a gente tem muitos mais de 30 anos de companheirismo e militância. Conheci Moema pequena, desde então ela não cresceu, mas é uma companheira que mora no coração, e nem sempre a gente usa um termo formal, mas para algumas pessoas essa palavra tem profundidade. Quando a gente fala companheiro é companheiro mesmo e Moema é uma companheira de todas as horas.

Iara que está aqui representando todos os meus filhos com quem eu pensei que tinha aprendido a ser pai, e não aprendi porque até hoje estou aprendendo, e quando nasceram os outros são diferentes, então com cada um eu tive que aprender a ser um pai diferente.

Os filhos nos ensinam a ser mais humanos porque a gente se preocupa com as coisas mais fortes, valorizadas como mais importantes, mas quando a gente tem um filho nós nos preocupamos com a chupeta que a gente não sabe onde está, com o trocar de fraldas, e nós vemos o ser humano da forma mais individual então, a experiência de ver o ser humano nascer e crescer é fantástico.

Agradeço aos meus filhos por essa experiência que exercitei com eles e espero ter contribuído em algumas coisas com eles, mas eles contribuíram muito mais comigo.

Quero agradecer ao representante da Reitoria, João, companheiro nosso, inclusive da fundação como o conselheiro Horácio Nelson. Muito obrigado pela presença. Tivemos a oportunidade de ter algumas conversas; Quitéria que nós estamos aprendendo a conviver na fundação, e que é uma mulher de garra, de luta. Espero que a gente consiga construir um caminho comum, e que possamos cada vez mais ajudar o povo da Bahia através das ações da Fundação Luís Eduardo; Companheiro Roque que eu conheci quando eu tinha menos cabelo ainda, mas agora já tem um pouco mais, que é outro companheiro de luta. É um companheiro que faz com que a gente em Lauro tenha uma experiência importante dessa militância que se transformou vereador, e que agora preside o nosso partido, e que, portanto, é o meu presidente já que eu sou filiado no PT de Lauro de Freitas.

Muito obrigado.

Osni Cardoso que eu conheci estudante e fez uma trajetória bonita, trajetória de militância, mas também de gestão. Foi prefeito de Serrinha e conseguiu, na época, ser o gestor que mais fazia casa popular, então, foi muito importante a passagem de Osni, porque às vezes é importante a gente observar cidades como Lauro de Freitas, Serrinha, Alagoinhas e vemos uma gestão nossa, com a nossa concepção o que muda na cidade.

Então é muito importante e muito prazeroso – quando eu ia para Serrinha, assim como em Alagoinhas ou em Lauro de Freitas, dá uma sensação gostosa de dizer: aqui estamos construindo a história que a gente acha que deve construir. Então dá um prazer diferente do que em outras cidades. E Osni fez um trabalho excelente, é um grande companheiro também.

Joseildo é um companheiro que tem também uma passagem importante na minha vida, porque quando ele foi prefeito me chamou para ajudá-lo em Alagoinhas. E a gente aprendeu a governar governando. E foi uma experiência fantástica, porque quando fomos fazer o Orçamento Participativo não tínhamos na Bahia nenhum orçamento participativo da forma como gostaríamos de ter. E aí Joseildo disse: “Jones, você que conhece o pessoal aí nacional, veja quem podemos trazer”. E aí trouxemos o pessoal do Rio Grande do Sul, eles passaram para a gente um monte de informações, a gente fez o orçamento absolutamente radical no termo positivo.

Eram 62 conselheiros, sendo 60 da sociedade e dois do governo. E os dois do governo, que eram eu e João, nós só tínhamos direito a voz, não tínhamos direito a voto. Mas foi uma das experiências mais fantásticas que eu vi na vida, porque falamos de democracia participativa, mas a gente exercitar e ver o povo exercitando é uma coisa extraordinária.

Nós percorremos diversos bairros mostrando às pessoas as necessidades e quando fizemos a primeira reunião do conselho, lembro que um companheiro disse: “O meu bairro não tem água, não tem luz, não tem asfalto, não tem drenagem, não tem esgotamento sanitário. Mas se tiver que começar uma obra do OP não é por lá, porque há bairros que precisam mais do que o meu”.

Então esses sentimentos de cidadania e solidariedade, como uma outra conselheira disse: “Eu pensei que viria para aqui defender os interesses da minha região. E agora sei que estou aqui para defender o que é mais importante para o meu povo”.

Então aprendemos muito nesse processo e conseguimos fazer isso porque Joseildo tinha uma posição muito determinada à frente do Orçamento Participativo, porque às vezes tinha alguma resistência. Lembro que uma vez ele disse na reunião do secretariado: “Se algum secretário ficar contra o OP, eu fico com o OP”. E isso foi importante para nós. Então Joseildo é uma referência também do ponto de vista de democracia.

Mateus Maciel, que é o secretário da juventude, um companheiro que a gente tem trabalhado muito junto e que tem as virtudes da juventude e também a ansiedade

da juventude, e às vezes se choca com a minha paciência que é uma paciência que também a idade ajuda a trazer.

Mas é importante que a gente conviva com a juventude, porque muitas vezes temos a presunção de que vamos ensinar aos jovens, quando, na verdade, nós temos que aprender com os jovens, porque a modificação do mundo que estamos vivendo é muito mais compreensível para o jovem do que para nós. E se a gente não absorver da juventude essas novas mudanças, nós vamos ficar para trás. Então a convivência com os jovens é muito mais para aprendermos do que para ensinarmos, embora às vezes a presunção seja diferente.

Alexandre companheiro nosso, também representando aqui Elcinho. Elcinho falou até bem de mim, mas acontece que quando ele me conheceu menos de um mês depois ele foi demitido por causa da greve lá. E continua meu amigo; esse é amigo mesmo. E falou da Livraria Praxis, que eu e Almerico fizemos, também um grande companheiro.

Quero agradecer a presença de todos e de cada um de vocês aqui, porque, realmente, é um momento importante para mim, na minha vida, já que a gente luta pela cidadania. E hoje me sinto mais cidadão por ter a cidadania baiana. Quero agradecer também a todos os deputados – esse título foi pedido por Gika, mas foi uma concessão de todos os deputados – e dizer que eles não vão se arrepender por terem me concedido esse título, porque cada vez mais eu vou ser mais baiano.

Este título também é importante neste momento histórico que a gente está vivendo. Histórico em diversos sentidos, porque são 100 anos da Revolução Russa; 50 anos da morte de Che; no dia 4 agora fez 48 anos da morte de Marighella; e eu fiz, este ano, 50 anos de militância, porque comecei a militar em 1967.

São coisas importantes que marcam. Na morte de Che, por exemplo, a gente fez pichação na cidade com a frase “Che vive!”. Passados 50 anos, nós estamos aqui ainda falando dele. Então, aqueles cartazes que a gente colou nos postes e aquelas pichações que a gente fez eram verdadeiros. A ideia, quando é verdadeira, não morre.

Então, também queria lembrar de Naide Brito, companheira de muitas caminhadas – de uns 30 anos, viu, Naide? Sinto muito, mas tenho de falar –, trabalhamos juntos no mandato de Wagner quando ele era deputado federal. Naide percorria o Estado todo. Às vezes, Wagner dizia: “Venha cá, esse contato que estou indo lá, quem fez?” A gente respondia: “Foi Naide. Ela foi lá, já conversou...” E Aí acertava para Wagner ir. Naide rodava bastante, é uma pessoa que sabe construir. Isso é muito importante para a tarefa importante que ela tem agora, que é presidir a Câmara de Lauro de Freitas.

Este momento político que a gente está vivendo gera nas pessoas um desânimo, uma descrença muito grande. Mas eu já vivi isso. Na época da ditadura, a gente militava achando que ia conseguir vencê-la. Só que a ditadura, usando todos os recursos, como tortura e todas as outras violências, acabou atingindo a gente duramente. E chegou um momento, no final de 70, em que todos os companheiros da organização em que eu militava estavam presos, mortos ou foragidos.

Eu ia fugir com os companheiros, mas não consegui porque tinha algumas tarefas a cumprir e tive de optar entre uma coisa e outra. Como eu tinha 14 anos, eles queriam que eu entrasse em contato com o pessoal da organização para prender. Por isso, me seguiam, mas não me prendiam, embora soubessem da minha militância.

Como eu sabia que estava sendo seguido, sabia que não podia ir para a casa de nenhum amigo, de ninguém. Só podia ir para a casa dos meus parentes ou a alguns lugares em que eu não colocasse ninguém em risco. Como eu não gostava muito de ficar em casa, a saída que eu tive foi estudar religião. E assim estudei Bahá'í, testemunha de Jeová, espiritismo para poder ter contato com outras pessoas.

Chegou a um ponto tão difícil que eu não conseguia sair. Os meus primos me chamavam: “Vamos tomar uma cerveja ali”, mas eu não saía. Quando saía, eu chorava porque não me achava no direito de estar me divertindo enquanto os meus companheiros estavam sendo torturados e mortos.

Foi um período muito duro. Cheguei à conclusão de que não podia fazer mais nada, já que era seguido. Mas falei: “Agora verei o que vou fazer de minha vida”. E nesse dia – as coisas, às vezes, acontecem dessa forma na vida da gente – saí com esse pensamento e fui jantar num restaurantezinho perto de casa. Aí chegou uma menina bonitinha, de uns 8, 9 anos, sei lá, toda sujinha, e pediu: “Eu estou com fome, você pode me dar um dinheiro?” Eu disse: “Dinheiro não te dou, não, mas se você quiser comer, dou um prato de comida”. Pedi um prato de comida, e ela comeu com voracidade, realmente estava faminta. Olhei para aquela criança e pensei: “Como não vou ter esperança! Eu sou a esperança dela, sei por que ela passa fome. Eu não fazer nada não se justifica”.

Como resolvi voltar e não podia fazer muita coisa, comecei a aproveitar o tempo para estudar marxismo, para estudar política, que era o que eu podia fazer naquele momento com os poucos livros que a gente tinha, já que os livros, na sua maioria, eram censurados. E assim segui na minha militância.

Voltei, fiz um curso em Química, fui trabalhar em fábrica, quando novamente fui perseguido e demitido. Depois veio o momento em que começamos a fundar o PT em Minas, fiz parte da primeira direção provisória. Foi uma experiência muito rica, porque tinha gente da Igreja, de comunidade de bairro, de movimento sindical, da militância política, enfim, muitas pessoas com muitas concepções diferentes. E como é que a gente ia fazer um partido com tantas diferenças? Aí o PT incorporou a ideia de ter tendências. Cada um era diferente, mas quando decidíamos algo, tornava-se posição de partido.

E assim conseguíamos conviver internamente. Até hoje, quem é de fora não entende que, às vezes, a gente briga muito, mas quando vai para a luta a gente está junto. É uma experiência muito rica para o mundo como um todo.

E aí chegou um momento em que eu não conseguia mais emprego em Minas e tive de optar. Passei, em 1975, o Carnaval na Bahia e gostei muito do povo baiano, da alegria do povo baiano. Por causa da minha profissão, eu tinha duas opções: São

Paulo ou Bahia. Fiz a opção pela Bahia, graças a Deus, e estou aqui feliz porque fiz a escolha certa.

Quando cheguei à Bahia não conhecia ninguém e só tinha recursos para passar 1 mês. Fui para uma república que tinha conseguido e, depois, fui encontrar um contato que um amigo me deu como referência aqui. Essa pessoa que me foi dada como referência, que foi Barros, Ardemiro Barros. Por coincidência, ele, quando morava em Pernambuco, jogou no Náutico e era Miro. Então, ele tinha jogado já no meu time do botão, porque um dos times que eu tinha era o Náutico, ele jogou lá no meu time. E aí, quando eu conversei com ele, falei da situação, ele disse: “Não, Jones, venha morar comigo aqui enquanto você precisar”. Então, foi graças a Barros que eu consegui ficar na Bahia. Depois, eu conheci outras pessoas, como Mané Barreto. Falei Mané Barreto para não complicar sua vida.

Conheci diversas pessoas aqui, comecei a fazer minhas amizades, passei na nas provas dos concursos que fiz para Caraíba e Ceped, passei nos dois; fui chamado para Caraíba e fui morar no sertão; Iarinha era pequenininha, passei poucos meses, foi muito difícil, porque eu passei os primeiros meses de vida dela longe dela – aquela fase bem engraçadinha, não que não seja engraçadinha hoje, ainda é –, mas foi muito difícil ficar longe naquele período. Depois, a gente veio para Salvador.

Aí... Bira Corôa também está aí? O companheiro Bira... Ah, Bira está aqui, essa cabeça brilhante. Obrigado, é um grande companheiro, militamos juntos também em Camaçari, já nos conhecemos há algum tempo.

Então, a minha chegada na Bahia e a minha ficada na Bahia já se deu com a solidariedade baiana. E essas amizades que a gente foi fazendo, esse processo todo, eu acabei voltando também para o movimento sindical no Polo Petroquímico, onde conheci diversas pessoas, diversos companheiros como Moema, Rui, Wagner, Carlos Martins, enfim. E nós, Matota que está aqui, Osmário, Ápio, uma turma boa do Polo... O patronato um dia reclamou comigo: “Vocês ficavam falando, mas olha só a turma que era do sindicato.” Realmente era uma turma boa. Nós pegamos pesado com eles, mas eles mereciam.

Então, com essas lutas que fizemos eu fui demitido novamente, e entramos numa lista que não conseguíamos emprego em lugar nenhum, não só na Bahia, mas também onde a Bahia fornecia as empresas não podiam nos contratar. E aí tivemos que buscar a sobrevivência. Com Almerico, um companheiro de muitos anos também... quando eu o conheci ele era bem magrinho, nós conhecemos como Memé. Então, eu e Memé fizemos uma livraria que vendia livros cubanos, soviéticos e chineses. Foi uma livraria na qual não ganhamos dinheiro, mas fez muito sucesso na esquerda, porque todo mundo gostava dos livros e do ambiente. E ficamos um tempo, até que a União Soviética acabou, e aí a livraria acabou também.

Mas foi uma experiência interessante, tentamos um caminho de sobrevivência juntos e ficamos ainda mais próximo, porque foi realmente uma experiência interessante. O pessoal de esquerda da época, todo mundo lembra da Práxis, porque era uma referência.

No Polo, também tivemos uma interferência no sindicato através do patronato, eles criaram uma associação e dividiram o sindicato. E nós perdemos a representação. E aí, o processo estava desgastante, eu tive a ideia de fazermos uma associação. Assinei uma tese, porque não deu tempo de discutir com os companheiros – que teve até um erro de caligrafia no meu nome, que Moema depois me lembrou, mas isso não dá para falar aqui –.

O fato é que fundamos os Proquímicos e depois o transformamos em sindicado. Então, a vontade da unidade era tão grande que tivemos de fazer uma associação, transformar em sindicato e fundir os sindicatos, então ficou Sindiquímica/Proquímicos durante um tempo, até voltar a ser Sindiquímica.

Depois dessas caminhadas, fui trabalhar no mandato de Wagner, junto com Naide, depois Carlos Martins, teve um período com Zézeu também. Foi uma experiência muito interessante de construção partidária, de luta política. É uma das coisas que acho que é preciso que a gente resgate. Por exemplo, quando Wagner era deputado federal, ele chegou a fazer emendas para a Paraíba, porque o pessoal do PT da Paraíba levantou uma necessidade lá, e ele fez. Então, se não era uma coisa, uma visão de que o deputado tem de ser deputado para se reeleger, o deputado tem de ser deputado para fazer as coisas para o povo, para defender o povo.

Então, foi uma experiência muito interessante, muito rica, foi muito bem ter trabalhado com Wagner nesse período. Eu e Naide aprendemos muito e vivenciamos muita coisa importante. As pessoas ficam escandalizadas, hoje, com a corrupção, mas na verdade ela sempre existiu, e agora, a partir do governo Lula, que começou a ser investigada.

Na época mesmo, Wagner fez a denúncia dos anões do orçamento e foi engavetada. Depois descobrimos que foi porque o presidente da Câmara fazia parte. Foi um período de muita luta, de muita dificuldade, tivemos o impeachment de Collor, foram muitas as lutas.

Depois do mandato de Wagner fui para Alagoinhas, onde a gente teve a experiência de uma vivência com uma democracia popular muito forte. A marca do governo Joseildo foi a participação popular, como é a das nossas gestões. Hoje mesmo, o governo, pela manhã, vai ter o orçamento participativo, PPA participativo, saneamento, tudo participativo, porque é isso que a gente acredita. Então, é uma experiência muito interessante e importante.

Também trabalhei nos primeiros anos do governo Lula, que foi uma experiência extraordinária. Lula, no primeiro mês de governo, pegou um avião, botou todos os ministros dentro e foi para a cidade mais pobre do Brasil, e andando lá no meio do esgoto, ele virou para os caras, para os ministros e disse: “Olha, quando vocês estiverem lá na sala tapetada, é para esse povo que vocês estão governando”.

E foi muito impactante, Wagner mesmo disse que mesmo ele sendo petista, tendo vivido já diversas coisas, foi impactante, foi uma coisa muito importante para o próprio governo Lula.

É isso que eu acho que faz a diferença, nós lutarmos pelo o que a gente acredita e não desistirmos. Agora, nessa crise toda, eu resolvi inclusive... ao contrário, já tinha aprendido que não posso desistir. Então, se não posso desistir, tenho que ir mais fundo ainda. E por concessão dos meus companheiros aqui da Bahia, fui para a direção nacional do Partido dos Trabalhadores, exatamente, na perspectiva de que é um momento de a gente defender como mais vigor as nossas ideias.

Nós não temos de nos envergonhar das nossas concepções. Se erramos, temos que fazer a autocrítica. Erramos, mas fizemos algo que nunca foi feito neste País. Então, eu fico muito preocupado com o desencanto que as pessoas estão tendo da política, porque a política rege a vida da gente. E a política não é só a política partidária, a política eleitoral. A política, ela está no dia a dia da gente, por exemplo, quando a gente consegue mediar a relação entre os filhos, quando a gente consegue mediar a relação entre os amigos, quando a gente consegue construir caminhos. E quanto à política, ela é essencial para a vida.

E quando a gente vê o crescimento do fascismo, a gente vê o crescimento daquelas concepções mais absurdas... Cauã tem um colega, na escola, de 14 anos que defende Bolsonaro. Este último diz que mulher tem de ganhar menos do que homem, porque engravida. Ou seja, ela, a mulher, gera a vida e, por gerar vidas, ela tem de ganhar menos. É uma lógica absolutamente... Só a direita poderia pensar numa coisa desse tipo.

Então, é preciso que nós, possuidores de alguma consciência política, assumamos a responsabilidade de mudar isso que está aí. Quantas vezes houver retrocesso serão as vezes que nós teremos de lutar! Eu já brinquei com meus filhos, pois esta já é a segunda vez que eu luto contra um golpe. Isso foi há 50 anos. Bem, de 50 em 50 anos, eu estou fazendo isso. Da próxima vez, não contem comigo. Eles vão ter que tocar isso sozinhos.

Mas não são só os golpes dados por militares, embora a ditadura fosse militar e civil. Não é o golpe de agora que foi dado. São diversos os golpes dados no dia a dia. A gente está vendo, agora mesmo, em Lauro de Freitas, mais um golpezinho.

Vejam, em 1962 foi a criação de Lauro. E, aí, se delimitou o terreno de Lauro. Quando chegou em 1969, na ditadura militar, ACM deu um jeitinho de cassar o prefeito de Lauro e mudar o território, ou seja, o limite territorial, incorporando para Salvador, onde ele era prefeito biônico, parte do território de Lauro.

E, agora, o que a gente vê? O neto tenta fazer a mesma coisa, ou seja, tirar mais partes de Lauro de Freitas. Por quê? Porque eles não convivem com a democracia. Eles só vivem com golpes, com manobras. E nós, por isso, temos de nos orgulhar de tudo que a gente fez.

Quem chega a uma cidade administrada pela esquerda e quem viveu a experiência do governo federal e quem viveu a experiência da Bahia... Eu, quando cheguei à Bahia, a sensação que eu tinha era a de que a Bahia tinha dono, porque a avenida era ACM, o poste era ACM, tudo era ACM. Em tudo, era ele quem mandava.

E a gente fez greve no Polo. Ele fez uma lista e demitiu a gente. Foi ele quem mandou demitir. Quer dizer, era uma coisa... Tudo era ele.

Quanto a nós, nós conseguirmos derrotá-lo, embora muita gente não acreditasse. E quando Wagner entrou no governo foi uma diferença tão grande. A mudança dos ares da Bahia foi tão grande que principalmente quem tinha chegado há algum tempo pôde notar, porque, realmente, quando eu cheguei à Bahia, eu senti um sufoco da política.

A alegria e a força do povo baiano se contrastavam com o sufoco na política. Ninguém podia dizer não. Ninguém podia contrariar. Havia uma determinação e acabou. Era aquela famosa frase: “Manda quem pode e obedece quem tem juízo.”

E isso acabou com Wagner. Wagner fez, realmente, um momento democrático na Bahia, pois conseguiu abrir a democracia e mostrou uma nova forma de governar.

Eu tenho muito orgulho de ter participado, também, dessa experiência. Fui, durante 8 anos, ouvidor do Estado. Foi uma experiência fantástica a gente ouvir a população e a gente conseguir levar à população a resposta, porque, muitas vezes, as pessoas acham que são autoridade. Eu costumo dizer que não tem autoridade. A gente está autorizado, por determinados momentos, a fazer alguma coisa. Mas ninguém é autoridade. E, por estar autoridade, tem que respeitar para quem autorizou você a fazer determinadas coisas.

Então, nós nunca podemos deixar de ter o povo como referência. Às vezes, as pessoas... O poder da autoridade sobe para a cabeça. A pessoa já se acha que é isso ou que é aquilo. Não é! A pessoa está! A gente é o que é em essência. Mas o que a gente faz é o que a gente está fazendo. Então, a gente tem que tirar a vaidade de lado, porque a vaidade é um cupim que come a alma. Quando a pessoa é vaidosa, ela faz tudo para manter aquela situação em que ela está. Às vezes, se perde e vira outra coisa.

Então, é importante a gente entender que algumas coisas são fundamentais na vida. Primeiro, a gente precisar entender que somos uma coletividade. Não tem saída individual. Para se darem bem individualmente, algumas pessoas tentam; outras têm de se dar mal. Então, quanto a essa, só há saída se for do coletivo.

Quanto a este momento em que a gente está vivendo, é muito importante a gente sentir esta força e este companheirismo. Nós não temos de disputar nada com ninguém. Nós temos de brigar contra aqueles que querem excluir as pessoas. Nós temos de lutar para incluir as pessoas. E se nós vamos lutar para incluir as pessoas, nós não podemos brigar entre nós, pois nós temos de construir os caminhos coletivos.

Eu não consigo. E nada na minha vida foi individual, porque eu acho que não leva a nada, leva, às vezes, a uma sensação de que a pessoa pode achar que é boa. Mas quando você vê que o seu crescimento é a inferiorização de outra pessoa, isso não pode dar prazer a ninguém. Enquanto existir miséria, a gente não pode se sentir bem. Enquanto existir fome, a gente não pode se sentir bem, porque nós somos parte da humanidade, e a humanidade é um todo.

Eu já ouvi uma definição de Pablo Casals. Ele era músico e deixou de tocar por causa do nazismo. Ele disse não haver espaço para a música onde existisse o nazismo. Ele dizia que a humanidade é uma árvore, que cada um de nós é uma folha, que a árvore precisa das folhas. Mas é o conjunto das folhas que dá vida à árvore. Então, eu me sinto uma folha dessa árvore. Acho que é essa árvore que tem de ser preservada.

Então, eu vejo, por exemplo, agora na Bahia, o governo Rui. A gente tem, com toda a dificuldade, conseguido fazer determinadas coisas, porque existe um grande problema de alguns governos, pois eles governam para si.

Então, por mais que haja recursos, – nós já tivemos muitos governos com muitos recursos – esses recursos nunca foram direcionados para o povo. Quando você faz as coisas para o povo, consegue enxergar as ações do Governo. Essa é a diferença, essa é a grande diferença. O prefeito de Salvador, por exemplo, está disputando para fazer um centro de convenções. Mas os postos de saúde estão todos abandonados. Que administração é essa? A da aparência? Não podemos viver de aparência, temos que viver de realidade.

Sei que, neste momento, ficamos por vezes desanimados com tanta notícia ruim na televisão. Mas estamos sabendo da notícia porque conseguimos botar formas de fiscalização. Acontecia muito pior no período da ditadura. Existia um ministro, Mário Andreazza, que era chamado de Ministro 10%, porque em qualquer obra ele tinha 10%, inclusive na Transamazônica, que não deu em nada, mas em que se gastou uma fortuna fabulosa.

Então, nós temos que ter a convicção de que podemos melhorar, já fizemos isso, já estamos fazendo isso. Com essa consciência, temos que ter uma certeza: cada um de nós, aqui, tem uma responsabilidade muito grande. A primeira é não desanimar; a segunda é a gente se dar o braço, ir para frente, porque vamos reverter esse golpe de uma forma ou de outra. Não há mal que dure para sempre. Com a experiência que temos, vamos voltar a construir um Brasil mais forte, com mais inclusão social.

O povo brasileiro, e nós podemos ver isso pelo povo baiano, é um povo absolutamente solidário. É um povo que, quando não tem nada, dá seu pouco. Você chegava no interior, antes do Água para Todos, e era muito difícil encontrar água na casa das pessoas. Mas elas davam aquele líquido precioso para quem quer que chegasse. Manoel Barreto, que trabalhou como geólogo, já deve ter bebido muita água. Uma vez eu pedi água numa casa, estava morrendo de sede, a mulher me trouxe uma água que era barro puro. Já tinha pedido, não podia dizer que não ia beber. Mas essa solidariedade, que a gente vê no povo, a gente não vê nas elites brasileiras.

Muitas vezes, a gente fala da militância. A militância não é uma coisa apartada. A militância, principalmente do PT, é uma militância profundamente aguerrida e sabe construir as coisas. E é isso que a gente tem que resgatar, nosso espírito militante, nosso espírito de luta, porque vamos reverter essa situação que está no âmbito nacional. Nós vamos, na Bahia, aprofundar a democracia, aprofundar o que estamos

fazendo. Mas não vamos fazer nada disso se estivermos sozinhos. Somos nós que vamos fazer isso – e somos todos nós. Cada um com uma ou outra tarefa, mas somos todos nós.

Então, este momento para mim é muito importante, não só porque hoje me sinto mais baiano do que antes, como também porque é um momento de cidadania. E não posso me sentir bem, me sentindo mais cidadão, esquecendo que tem um monte de gente que não tem direito à cidadania, como os que nasceram na Bahia, mas não têm o direito de serem baianos porque estão passando fome, passando necessidade. E essa é a nossa responsabilidade.

Eu queria concluir, portanto, dizendo o seguinte: nós temos essa responsabilidade. Então, temos que aproveitar cada momento nosso para reforçar nossa luta. Não temos direito a desanimar, porque, da mesma forma que temos nossas dificuldades, sabemos que as dificuldades, principalmente das nossas crianças mais pobres, são muito maiores e nós temos a responsabilidade de mudar isso.

Então muito obrigado a todos vocês, mas não é só muito obrigado, é vamos adiante porque a luta continua.

Obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Convido todos os presentes para acompanharmos a execução do Hino da Bahia.

(Execução do Hino da Bahia.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradecemos a presença dos deputados estaduais, das autoridades civis e militares, dos amigos, das senhoras e senhores, da imprensa, dos militantes do PT, militantes do nosso partido, dos ex-funcionários e funcionários da FLEM.

Declaro encerrada a presente sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.